



Créditos da Imagem: Depositphotos

GESTÃO

Os Motores da Civilização Ocidental: Capitalismo, Democracia e Tecnologia

por **GILMAR DE MELO MENDES**

Capitalismo, democracia e tecnologia são os três motores que permitiram à civilização ocidental assumir a liderança das grandes transformações nos últimos duzentos anos e avançar para um tempo de prosperidade sem igual na história. No entanto, vivemos em tempos de novas transformações, aceleradas, intensas e profundas, que parecem querer revelar exaustão do modelo assenta-

do nesses três motores que nos trouxeram até aqui e, assim, oferecem novos e distintos desafios daqueles já vividos. De igual modo, parece que as soluções devem emergir da capacidade de adaptação desses mesmos três fatores aos tempos atuais e futuros. Espera-se que deles emerjam as respostas às novas inquietações.

Este artigo é destinado a estimular a compreensão dos fenômenos que nos cercam e interferem fundamentalmente nas decisões presentes e futuras das organizações. Para o entendimento de transformações dessa magnitude, nenhuma massa de informação será suficiente, mas algumas são essenciais. Portanto, o propósito aqui é reunir um conjunto de reflexões e propostas que lançam luz às principais questões do contexto atual.

Os desafios, as inquietudes e as grandes transformações de nossa época não são meras repetições do passado. São fenômenos novos e complexos que exigem esforço de compreensão tanto do passado quanto do presente e extrema capacidade de estabilizar informações para as decisões que moldarão o futuro. Hanna Arendt já nos advertia: “A compreensão. Um empreendimento intelectual que nunca termina”.

Esse mesmo contexto ao envolver organizações revela complexidade. São muitas as variáveis fundamentais envolvidas nas análises nesses ambientes de negócio. A essa complexidade costuma-se chamar de “VUCA” (*volatility, uncertainty, complexity e ambiguity*) – acrônimo em inglês que representa ambientes agressivos e desafiadores caracterizados pela volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade. Essa forma de sintetizar contextos originou-se na Força Armada americana na década de 1990, migrou para os negócios nos anos 2000 e se firmou como referência em ambientes empresariais com características similares.

Nos dias atuais, diversos autores já fazem referência a outro acrônimo para representar as grandes demandas por regulação: FATES – *fairness, accountability, transparency, ethics e security*. *Fairness* sendo traduzido por equidade,

como preocupação da justiça social. Os conceitos de accountability, transparency e ethics, já incorporados pelos bons sistemas de governança, serão cada vez mais uma preocupação com o aperfeiçoamento da regulação. Por fim, security (segurança) é a nova grande preocupação, pela possibilidade de proteção, seja individual, seja coletiva, em todos os aspectos, da tradicional à contemporânea, de dados, comunicação, até a biogenética.

A questão central é identificar e procurar respostas para os elementos determinantes que estão subjacentes a todos esses fenômenos sintetizados pelos acrônimos mencionados que conformam os atuais ambientes empresariais. Em outras palavras, responder à pergunta central: quais são as forças que desestabilizam ambientes de negócio e geram contextos VUCA, FATES ou quaisquer outros que por certo virão? Uma das possíveis respostas pode ser encontrada por meio da análise do impacto dos três grandes motores da civilização ocidental: capitalismo, democracia e tecnologia.

Centramos as atenções nesses três grandes impulsionadores da civilização moderna, pois foram eles que permitiram que chegássemos a uma era de prosperidade e qualidade de vida sem paralelo na história. Mas não para todos. Ainda que seja em suas propriedades básicas, não ampliamos esses benefícios para a maioria dos povos. Mesmo aqueles que gozam da prosperidade apresentam inquietações legítimas que desafiam a capacidade de o capitalismo e a democracia, impulsionados pela tecnologia, proverem as condições de bem-estar e prosperidade em escala e intensidade almejadas.

COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI

Quando observamos a evolução da população mundial até 1700, vemos que ela não apresentava variações significativas. No entanto, a partir daí, Thomas Malthus, no século XVIII, observou essa correlação entre o crescimento da população e a capacidade de produção de alimentos. Em sua obra, publicada em

1798, *Ensaio sobre o princípio da população*, revela em síntese que, com a população crescendo em proporção geométrica e a produção de alimentos em uma progressão aritmética, não haveria alimento suficiente para todos. Isso resultaria em fome, guerra ou continuação da pobreza. (A versão moderna dessa perspectiva foi publicada em 1972, em *The limits to growth*, por Dornella H. e Dennis L. Meadows – com Jorgen Randers e William W. Behrens III). Essa versão propunha que, se as famílias pobres limitassem o número de filhos, a pobreza declinaria. Solução adotada pela China. Estima-se que, entre 1979 e 2009, com a política de “filho único”, o país tenha evitado aproximadamente duzentos milhões de nascimentos. Não restava dúvidas de que a superpopulação era uma ameaça.

A resposta para esse desempenho extraordinário de crescimentos exponenciais de número de pessoas e expectativa de vida está, como vimos, na combinação dos três motores que nos trouxeram até aqui. No entanto, esses três motores são desafiados na busca de soluções para complexas demandas originadas em todo o espectro da sociedade, tanto aquela parcela da população que vive em países desenvolvidos como, no outro extremo, aqueles que vivem na pobreza e desesperança.

NOVAS INQUIETAÇÕES

Novas inquietações emergem. Como relata Paul Coller em sua obra *O futuro do capitalismo – enfrentando novas inquietações*, fissuras profundas vêm esgarçando o tecido de nossa sociedade e as bases sociais dessas inquietações são: geográficas, educacionais e morais. Em toda a América do Norte, Europa e Japão, as áreas metropolitanas estão dando um enorme salto em comparação ao restante da nação. Estão se distanciando socialmente e não representam mais a nação. Isso implica a apropriação dos ganhos econômicos em um lado só. Quem tem se saído bem não são capitalistas nem trabalhadores comuns: são os instruídos com as novas qualificações.

Não somente isso. Outro grande problema se revela na pobreza recorrente presente na vida de grande parte da população mundial. Ademais, as desigualdades, em um nível extremo, podem ameaçar os valores democráticos. Somados, constituem-se em problemas monumentais e ainda pendentes que desafiam o capitalismo e a democracia como instrumentos de solução. Portanto, teremos de conviver com problemas antigos e com os novos, advindos de uma revolução tecnológica sem paralelo na humanidade.

Não há dúvidas que se vive melhor nos dias atuais. Temos uma renda *per capita* dez vezes maior que em 1850 e uma economia global 250 vezes maior do que antes da Revolução Industrial. Da mesma forma, recém-nascidos viverão por mais de oito décadas; remédios debelam infecções doloridas; e assim por diante. Esse foi o aprimoramento do desenvolvimento humano. No entanto, esses benefícios não são para todos e, ainda, os que os têm revelam novas inquietações.

O capitalismo, como um sistema, apesar de melhorar a vida das pessoas – e sua capacidade de proporcionar mais crescimento e liberdade que qualquer outro sistema –, ainda convive com problemas monumentais, e o mais gritante está no célere aumento do nível de desigualdade de renda e riqueza e poucas soluções para a pobreza persistente.

As respostas para esse problema não se revelam fáceis. As ajudas materiais, tais como vêm ocorrendo, parecem encontrar sérias dificuldades para incorrer em resultados efetivos, promovidas quer seja por organismos multilaterais quer seja por organizações bilaterais, conforme o interesse de cada país aportador. No entanto, a magnitude do desafio impõe a busca incessante de soluções conjuntas, eficazes e replicáveis. Dos vários aqui cotejados, se extraem proposições, sugestões oriundas de estudos consistentes, alguns mais pragmáticos, outros no âmbito das ideias, mas o que mais importa é a possibilidade de integrá-los em soluções convergentes.

Nos países desenvolvidos, a democracia como sistema representativo absorve e revela o impacto dessas intensas transformações causadas pela globali-

zação e seus efeitos sobre o alicerce das comunidades. As comunidades voltam ao centro das atenções por exatamente se revelarem o pivô do efeito da globalização e centro das insatisfações e inquietações contemporâneas. Não por outro motivo os estudos dos professores Collier, Rajan Raghuram e Castells, em seus distintos caminhos, apontam para as comunidades e para a recuperação das questões identitárias como caminhos possíveis em direção às soluções demandadas.

Quer sob o impacto da globalização, quer pela devastadora corrupção, notadamente nos países em desenvolvimento e pobres, quer pelos vazios institucionais provocados pela ineficiência crônica do Estado, a democracia sofre ataques que desafiam sua capacidade de responder às demandas dos tempos atuais.

Por sua vez, a tecnologia foi a mola propulsora das transformações que permitiram as evoluções da população, da qualidade de vida e do PIB. No entanto, o mundo digital é algo totalmente diferente. Em primeiro lugar, nenhuma geração viveu uma revolução tecnológica desencadeada de forma simultânea entre seus avanços tecnológicos e seus efeitos.

Mesmo entre aqueles que se beneficiaram diretamente dos três motores da civilização ocidental, os impactos tecnológicos foram distribuídos ao longo do tempo. Vimos que o tear mecanizado levou quase 120 anos para se espalhar fora da Europa. Diferentemente, a internet levou menos de uma década para se espalhar pelo globo; o telefone levou 75 anos para chegar a cinquenta milhões de pessoas; o rádio, 38 anos; a televisão, 13; a internet, quatro anos; o iPhone (completados dez anos em 2007), três anos; mais recentemente, o Instagram, dois anos, o Angry Birds, 35 dias, e o Pokémon Go, apenas 15 dias.

Essa velocidade irrompe uma revolução tecnológica vertiginosa que altera e alterará mais ainda os contextos de indivíduos, grupos, comunidades, organizações e governos, ao atingir os empregos com novas configurações e adoção de tecnologias para a eficácia das políticas públicas, a segurança dos dados das

peças, dos grandes sistemas integrados, dos sistemas compartilhados e sua governança. A capacidade do Estado para regular tudo isso, combinada com as grandes e avassaladoras potencialidades da engenharia genética, se torna um desafio colossal.

As grandes questões que se impõem podem ser sintetizadas em: governança dos bens comuns; segurança no uso da tecnologia; ocupação das pessoas, no futuro próximo; ampliação da aplicação dessas tecnologias em um mundo desigual e seu mesmo uso para ajudar a reduzir as desigualdades. Todas essas questões juntas juntos revelarão os grandes dilemas impostos pelo mundo digital.

Os gestores tomadores de decisão deverão conscientizarem-se de que não se trata de desafios incrementais. Estamos diante de profundas transformações que requererão alta capacidade de aprendizado e realização. Isso ocorrerá melhor pelo exercício da humildade para admitir aquilo que não se sabe; destreza para compreender; habilidade para ensinar e convencer pessoas pelo entendimento daquilo que precisa ser feito.

Ensinaram-nos que ninguém vive o tempo dos outros. Nunca isso foi tão verdadeiro. Somos filhos do tempo. Apropriamo-nos do passado para compreender como chegamos até aqui e reverenciar os feitos de tantos. Mas o futuro será construído em novas bases que ainda não sabemos ao certo quais serão. Cabe a nós da FDC inspirar os líderes de organizações públicas e privadas a viverem seu tempo. Tempo das vertigens e das novas necessidades insatisfeitas. Que sejamos capazes de ver à frente.

PARA SE APROFUNDAR NO TEMA

ARENDT, HANNA. *Compreender – formação, exílio e totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras; Editora UFMG, 2008.

BRYNJOLFSSON, E.; MACAFFE, A. *A segunda era das máquinas*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.

CASTELLS, M. *Ruptura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

COLLIER, P. O futuro do capitalismo – enfrentando novas inquietações. Porto Alegre: L&PM Editores, 2018.

MALTUS, T. Ensaio sobre o princípio da população. Lisboa : Relógio D'água Editores, 2014.

OSTROM, E. *Governing the commons*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

RAJAN, R. The third pillar – How markets and the State leave the community behind. New York: Penguin Press, 2019.

PIKETTY, T. *O capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

RIFKIN, J. *Sociedade com custo marginal zero*. São Paulo: M. Books do Brasil, 2016.

SCHWAB, K.; NICHOLAS, D. *Aplicando a quarta revolução industrial*. São Paulo: Edipro, 2018.



**PROF.
GILMAR
DE MELO
MENDES,
PHD**



É professor associado da Fundação Dom Cabral e doutor em Economia e Administração de Empresas, Universidad de Valladolid (Espanha).